

# OS AREAIS DO VENTO

Joaquim de  
Matos Pinheiro

# Nota do autor

---

Admite-se com frequência que a alegadamente exemplar descolonização de 1975 é um tema sobre o qual os historiadores se irão pronunciar um dia com a independência e a visão críticas que o distanciamento temporal sempre propicia e favorece – e essa constatação como que dispensa os portugueses da obrigação de, enquanto esse tempo não chega, olhar com objectividade para esse assunto.

É um facto incontroverso, também, que a história pessoal de muitas centenas de milhar de cidadãos portugueses, tal como a história pessoal de muitas outras centenas de milhar de cidadãos dos países de expressão portuguesa emergentes da descolonização, que de repente se viram envolvidos pelos acontecimentos que caracterizaram esse tão conturbado período das suas vidas, bem a meio da década de setenta do século XX, guarda consigo um vasto conjunto de vivências e de dramas, cujas consequências ainda hoje se fazem sentir de maneira particularmente intensa nas suas vidas, assim como nas vidas das suas famílias, e isso apesar de sobre tais acontecimentos já terem passado, quase sem que disso se tivessem dado conta, muito mais de trinta anos.

Por detrás da aparente normalidade da vida que esses por-

tugueses – a quem na altura foi colado o rótulo pejorativo de *retornados* – souberam esforçadamente reconstruir e refazer em Portugal (e, quantas vezes, em outros continentes) esconde-se, porém, um amplo leque de ricas e notáveis experiências pessoais, frequentemente dolorosas, muitas delas empolgantes, e não raras vezes inimagináveis, que naquela época alteraram e subverteram drasticamente todos os seus projectos de vida, e a própria vida que se lhes seguiu.

As exigências e as necessidades do dia-a-dia impeliram, contudo, a que muitas dessas histórias pessoais tivessem sido voluntariamente abafadas, e é normal, por isso, que elas estejam, na maior parte dos casos, condenadas ao esquecimento e ao ostracismo a que foram votadas, à medida que os anos continuam inexoravelmente a passar, porque muitos dos seus protagonistas, entretanto envelhecidos, morrem e as levam consigo para o túmulo.

Por via disso, naturalmente, as novas gerações de portugueses só conhecem, desse dramático período da história portuguesa, as versões convenientes e branqueadas que foram sendo veiculadas ao longo das últimas décadas, nomeadamente nas escolas e nos meios de comunicação social, e isso parece ser um bom lenitivo para as dores e para os traumas por que tantas daquelas pessoas involuntariamente passaram.

A realidade, porém, é que a grande maioria das pessoas que viveram o processo da descolonização, e que por causa dele se sentiram inopinadamente compelidas a abandonar a Guiné, Angola, Moçambique e as outras antigas Províncias Ultramarinas de Portugal, na maior parte dos casos contra a sua própria vontade, e que por isso se viram coagidas a viver na pele a amargura, o drama e a violência que sempre estarão associados a essa enorme e histórica debandada, ainda hoje se encontram inapelavelmente marcadas – e para sempre – pela saga que então viveram.

Hoje, quando se diz que a sociedade portuguesa acolheu no seu seio, sem dificuldade, e nele absorveu admiravelmente essas

centenas de milhar de *retornados* do antigo Ultramar Português, é muito difícil relacionar os acontecimentos de que eles foram involuntários protagonistas, com muitos dos problemas e das angústias que marcam, na actualidade, a vida de tantas dessas pessoas e de muitas das outras pessoas que, não tendo sido partícipes desse drama, com elas acabaram por se relacionar e conviver.

Em muitos casos, a pacatez da vida desses milhares cidadãos anónimos, a que hoje já quase ninguém se sente em condições de voltar a colocar o deslustrante epíteto de *retornados*, continua, no entanto, a ser frequentemente perturbada pela ocorrência de reencontros inesperados, pelo reavivar imprevisto de memórias esquecidas, e até por um escondido e amargo ressentimento contra tudo e contra todos, que esses anónimos cidadãos tiveram de ultrapassar e de mitigar em silêncio, continuamente, ao longo dos anos, num ingente esforço que não terminou até hoje.

No reverso desses dramas pungentes encontram-se, porém, como em tudo na vida, os bafejados pela fortuna, os *retornados* espertos que não tiveram qualquer pejo em se servir da tragédia dos outros para dela fazerem o móbil oportuno para o seu enriquecimento pessoal, súbito, imprevisível e aparentemente injustificado, os fautores da descolonização que dela souberam aproveitar-se para construir meteóricas carreiras na política, na administração pública, ou sentados numa qualquer das muitas cadeiras dos diversos poderes que gradualmente foram sendo instituídos em Portugal, depois de Abril de 1974.

Em contraponto aos anónimos desafortunados dessa tão aclamada descolonização exemplar, estes são os que dela fazem o elogio permanente, os mesmos que sempre a justificam e sempre a minimizam – porque eles são os primeiros e principais beneficiários dela, e os seus tão legítimos quanto dilectos herdeiros...

Construídas a partir do claro-escuro dessas realidades, as várias histórias que se cruzam nestas páginas têm, pois, um fundo verídico e emblemático.

Em geral, essas histórias inspiram-se e retratam um leque de experiências e de realidades efectivamente vividas pelas pessoas que os personagens emulam, e colocam em evidência a complexidade de uma vasta teia de relações, encontros e desencontros que se construíram, que se perderam e que ciclicamente se refizeram ao longo dos tempos, por mais inverosímeis e eventualmente românticas que algumas dessas histórias hoje possam parecer.

As histórias que atravessam estes *areais do vento* vêm, assim, mostrar à saciedade que a descolonização exemplar ainda não terminou. E, no limite, podem ajudar a compreender muitos dos fenómenos sociais em que assentam tantas das profundas e radicais mudanças que se operaram na sociedade portuguesa ao longo de todos estes anos.

E mostram, ao mesmo tempo, que todos os dias, nos locais mais inesperados e nas condições mais imprevistas, se cruzam connosco inúmeros e eloquentes exemplos vivos de que os efeitos dessa descolonização ainda perduram no seio da sociedade portuguesa, onde se encontram enraizados e onde permanecem omnipresentes, e que por isso mesmo continuam a influenciar, para o bem e para o mal, a vida vivida por todos e por cada um de nós.

Primeira parte:

Lisboa

*“A voz que eu tenho”*

Poema: Vasco de Lima Couto;

Música: João Proença;

Voz: Carlos do Carmo.

A voz que eu tenho – como o pensamento!  
– veio de longe, devagar e triste,  
veio rasando os areais do vento,  
onde a palavra amor ainda existe.

Respirou, com o povo, as madrugadas.  
soube do mar e foi beber o mar  
e gritou, no silêncio das estradas,  
a solidão que eu tenho para vos dar.

Cresce-me a voz, nesta prisão do encanto  
com a amizade que me faz viver  
e, sem saber se me entendeis, eu canto  
a presença do amor e a dor de o ter.

# 1

## No Rossio, à mesa do café

---

Quinta-feira, 15 de Setembro de 2005.

Sentado sozinho na esplanada do *Café Nicola*, José Francisco Albuquerque Salgueiro pousou no pires branco a chávena já vazia da bica que acabara de beber, deixou os braços repousar sobre a toalha castanha que cobria a mesa e passeou o olhar, cansado e vazio, tranquilamente e sem pressa, pelas pessoas que desfilavam atarefadas à sua frente, no Rossio, coração antigo de uma Lisboa envelhecida.

Atrás de si, a emoldurar a figura seca de José Francisco, a portaria *art-deco* do *Café Nicola*, ladeada pelas formosas tágides que há tanto tempo montam guarda à entrada do antigo café lisboeta, aparecia agora como um particular e estranho *ex-libris* de uma cidade já desaparecida, a cidade do tempo em que ainda havia tempo, e gosto!, para forjar caprichosamente a ferraria das portas, das montras e das janelas, e para as iluminar com delicados painéis de cristal, cujas finas arestas facetadas chispavam ao sol, no Verão, num clarão de arco-íris – últimas reminiscências de uma época em que as damas e os cavalheiros da capital faziam gala em exhibir, no primeiro quartel do século vinte, quando desfilavam com estudada elegância pelos passeios do Rossio,

as suas casacas de fino corte e os seus vestidos mais vistosos, quantas vezes mandados fazer em Paris.

Olhando para o passado, é verdade que a história do *Café Nicola* se confunde, em boa e certa medida, com uma certa história de Lisboa, sobretudo com a história que vem dos finais do século XIX, quando alguns cafés da baixa lisboeta – o *Marrare*, o *Martinho da Arcada*, o *Chave d'Ouro* ou o próprio *Nicola* – se transformaram em autênticas âncoras culturais da vida da cidade, pontos de encontro da burguesia e das elites portuguesas e, quantas vezes, locais de partida para muitos dos mais significativos movimentos sociais, políticos e culturais de Portugal.

Com efeito, pelas portas desses – e também dos outros centenários cafés de Lisboa – passaram algumas das mais emblemáticas e prestigiadas figuras públicas portuguesas. E hoje, quando a maior parte desses antigos cafés cederam o seu espaço a outros negócios, lugares de eleição como o *Café Nicola*, que gradualmente se vai modernizando sem contudo perder a sua característica inicial, vão subsistindo como verdadeiros refúgios das tradições lisboetas, onde a História parece continuar a vibrar e a ser escrita.

Cenário privilegiado de intercâmbio de ideias, de debates literários, de propaganda de correntes de ideias e de opiniões, o botequim que abriu as suas portas no Rossio, nos idos do século XVIII, pela mão do imigrante italiano Nicola Breteiro, é, sem dúvida, um dos mais antigos estabelecimentos comerciais de Lisboa, um ponto de encontro que nos seus tempos mais áureos até chegou a ser conhecido como *a Academia*, porque era em redor das suas mesas redondas que se reuniam algumas das inúmeras e diversificadas tertúlias habitualmente formadas em Lisboa por um vasto leque de conhecidos e muito respeitados intelectuais portugueses.

Dentre os nomes que fazem parte dessa vasta galeria de ilustres frequentadores, o nome que mais duradouramente ficou ligado à história do *Café Nicola* é, no entanto, o de Manuel

Maria Barbosa du Bocage, o poeta cuja polida estátua ainda hoje constitui o seu símbolo maior e que é, exactamente por isso, a sua mais conhecida imagem de marca.

As portas do *Café Nicola* nem sempre, porém, estiveram abertas ao público: devido a pressões políticas que algumas vezes se fizeram sentir junto dos seus proprietários, e também em consequência dos confrontos em que, em mais de uma ocasião, os seus frequentadores se envolveram com a polícia, o *Nicola* acabou por encerrar, dando lugar à exploração de outros negócios, e assim se manteve durante muitos anos.

É em 1929 que à história do *Nicola* se vem juntar o nome de Joaquim Fonseca Albuquerque, um homem que se empenhou em recuperar as instalações do antigo café para as suas antigas funções, promovendo a realização das obras que lhe iriam conferir a conformação e a fisionomia que até hoje o caracterizam, abrindo-o à recuperação das suas antigas tradições e dos seus afamados convívios, uma prática cultural que as gerações posteriores se encarregariam de manter, assegurando a preservação da aura mítica do estabelecimento que, em seu tempo, fora frequentado por Bocage.

Hoje, quando se ultrapassa a porta de entrada do *Café Nicola* e se deixam para trás as duas colunas de mármore rosado que a ladeiam, pode ver-se, simetricamente alinhadas ao longo das paredes revestidas por altos lambris de mármore antigo, como que a dar público e discreto testemunho dos seus muitos anos de vida, a sequência de grandes pinturas a óleo, nas quais a mão do pintor imortalizou as mais conhecidas e desregradas cenas da vida de Manuel Maria Barbosa du Bocage, e que retratam, ao mesmo tempo, algumas das mais conhecidas imagens das ruas da cidade, por onde o poeta certamente terá passeado a sua verve e a sua irreverência, séculos atrás.

Bem lá ao fundo, no interior do café, junto à porta por onde se acede à Rua Primeiro de Dezembro, e a uma espécie de pálida e suave meia-luz, perfila-se a estátua negra e muito polida do



poeta, com a sua conhecida melena descaída sobre a testa a coroar um rosto de traços bem vincados, numa pose imóvel e atenta, que quase o faz parecer a muda e silenciosa testemunha das mudanças que, ao longo das décadas – dos séculos... – foram moldando e afeiçoando, de maneira quase imperceptível, todos os usos e todos os costumes dos lisboetas.

Para chegar até essa estátua de Bocage, os clientes do *Café Nicola* têm agora de percorrer um estreito corredor, que separa a carreira de pequenas e antigas mesas redondas alinhadas à esquerda, ao longo da parede, do novo e iluminado balcão envidraçado da charcutaria, onde, em vez de chá e torradas acompanhados da calma leitura dos jornais, que faziam o dia-a-dia dos frequentadores de há duas ou três décadas, se comem agora, de pé e à pressa, à hora apertada do almoço, refeições rápidas, fumegantes tigelas de sopa, croquetes de carne, rissóis de camarão ou bolos – muitos bolos! – e se bebe quase de um só trago, uma chávena de café de máquina, ou se sorvem por uma palhinha, directamente da garrafa ou da lata, os frescos e gaseificados refrigerantes da moda.

Porque, na verdade, os tempos e os hábitos, agora, são outros...

Naquela quinta-feira, pela suave dormência da tarde que caía, deslizava sobre o Rossio uma suave brisa de fim de Verão, que sacudia os ramos mais frágeis das árvores novas, e que arrastava consigo, pelo chão, as folhas secas e amarelecidas que as ramagens iam perdendo, quando o mês de Setembro ensaiava o declínio inevitável do Verão.

Pisoteadas pelos pés apressados dos transeuntes, amassadas e quase desfeitas, as folhas secas caídas das árvores tinham-se acumulado ao longo do passeio e formavam aí pequenos montinhos, antes de serem arrastadas pelo vento e de deslizarem, em torvelinho, pelas estreitas e geométricas aberturas das sarjetas, desenhadas caprichosamente pelo forjador das grades de ferro que se estendem como uma linha ininterrupta ao longo do passeio,

prontas para beber, com avidez e num sorvedouro inebriado, a água da chuva outonal, que talvez não tardasse, ou prontas para que um varredor as recolhesse, com a pá e a vassoura de vime, para dentro de um grande balde de plástico, montado sobre um carrinho de mão que empurrava devagar, como quem faz uma caprichosa gincana entre as pessoas que passavam, ao longo do passeio.

O piar dos pardais, antigos e conhecidos moradores das árvores da grande praça lisboeta, misturava-se ali, ao cair suave da tarde, com o bruaá contínuo e interminável do trânsito e com o som cavo das máquinas que, um pouco mais adiante, na ainda descomposta rua do Carmo, refaziam, para a memória da cidade, o que restava de tantos antigos prédios pombalinos, as ruínas calcinadas, quase duas dezenas de anos antes, pelo grande fogo de Agosto de 1988.

Lembranças...

Pelo céu, gordos e silenciosos, há muito que desfilavam, vagarosamente, grandes rolos cinzentos, espessos e sucessivos mantos de nuvens que iam escurecendo aos poucos, e que aos poucos se acastelavam, umas encostadas às outras e grávidas de muita água, sobre os antigos e envelhecidos telhados da cidade pombalina.

Uma breve revoadada de pombos assustados, que riscava a espaços o céu do Rossio, levantava voo e logo pousava uma e outra vez, ora no chão empedrado, ora sobre as grandes figuras de pedra que descansam, hieráticas e serenas, no meio da praça, no sopé da alta e esguia coluna de mármore branco que ali se ergue, como quem assim monta guarda à memória e à estátua de D. Pedro, saudoso imperador e rei.

Pesadamente vestido com os trajes de bronze que a lenda diz terem sido desenhados para Maximiliano do México, e alcandorado lá em cima, o homem que um dia se proclamou Imperador do Brasil, e mais tarde se fez coroar Rei de Portugal, espreita do topo da sua coluna os passos apressados e indiferentes dos

descendentes do povo que o fez e o cognominou de *rei liberal*.

Mais longe, à esquerda, na cabeceira da praça, erguem-se aos olhos de quem passa outras colunas: são as colunas jônicas, também de mármore branco, um dia recuperadas da ainda mais antiga igreja de São Domingos, que foi destruída e incendiada pela hecatombe de 1755 e depois enterrada sob os implacáveis malefícios do tempo e as exigências do redesenho e da reconstrução da cidade, para emprestar a sua grega elegância e a sua solene monumentalidade à austera fachada do Teatro Nacional de D. Maria II, a cujo frontão preside, altaneira, uma quase desconhecida estátua de pedra de mestre Gil.

Longos panejamentos vermelhos, que pendem quase até ao chão entre as colunas jônicas, em cujas superfícies se publicita a peça de teatro que por aqueles dias sobe à cena no palco da Casa de Garrett, balouçam suavemente ao sabor e ao ritmo da brisa que corre – um ventinho suave, brejeiro, que parece querer brincar com as saias das mulheres que passam, e que ao mesmo tempo se compraz em lhes desfazer os penteados, como se uma mão cheia de dedos invisíveis se enredasse, sorrateira e com volúpia, nos seus cabelos...

Mas – ah! – quanta elegância e quanta determinação transbordam de repente do andar ligeiro, bamboleante, ritmado e sensual daquela mulher vestida de castanho, que passa!

Apoiadas nos saltos finos e muito altos dos seus sapatos, que parecem estar habituadas a seguir os sempre rigorosos ditames da última moda, as pernas daquela mulher, cuidadosamente torneadas pelos cuidados e pela fortuna, movem-se e expõem-se como uma irresistível tentação para os olhares sequiosos dos homens que nelas os pousam, encantados.

Sobre essas pernas magníficas desfilam, mais acima, as ancas. Soberbas, firmes e bem desenhadas, elas meneiam-se ao ritmo ondulante da caminhada, até que sobre elas se deixam entrever o ventre liso e os seios firmes, direitos e proeminentes, roçagando, apetitosos e tentadores, a seda creme de uma blusa

de seda bordada, que espreita com displicência sob um casaco curto, ligeiramente entreaberto para o prazer dos olhos e a carícia da brisa.

Por fim, segue-se o rosto: uma face serena, mate, sem rugas, apoiada sobre um pescoço esguio, abrilhantada por uns grandes olhos escuros (olhos castanhos? ou negros?) e luminosos, que parecem fixar-se em lugar nenhum, lá à frente. Coroando a figura distinta da mulher que passa, passam com ela, também, os seus cabelos. São cabelos brilhantes, sedosos, escuros, quase negros, fios finos e sedutores, moldados com suavidade, não pelos dedos fúteis, atrevidos e caprichosos do ventinho que sopra, mas sim pelas mãos pacientes e engenhosas de um artesão experiente, com poiso certo num qualquer sofisticado salão de cabeleireiro da cidade, que agora por ali passam e ali se balouçam, ao ritmo e ao sabor da brisa, fiéis à cadência ritmada dos passos desta mulher de classe, que avança.

Atrás desses cabelos fascinantes e dessa espectacular figura feminina, que atrai irresistivelmente a atenção dos homens que a vêem desfilar, avançam também, desde a pequena mesa redonda da esplanada do *Café Nicola*, espreitando e medindo, os olhos experientes de José Francisco, que lhe seguem o rasto, no deslizar suave desse fim de tarde quase outonal.

Depois, e ao mesmo tempo que os olhos de José Francisco Albuquerque Salgueiro avançam pela rua, atrás daquelas pernas esguias, daqueles quadris bem moldados, daquele busto firme e daqueles cabelos escuros e bem tratados, que coroam de maneira exemplar aquela tão esplêndida figura de mulher, enquanto ela se perde por entre as muitas figuras das outras mulheres e dos outros homens que passam – os vultos anónimos da gente comum que se afoga na incarácterística e indefinida corrente humana que desfila, e se escoia, alguns metros abaixo, ao ritmo do fim da tarde e do apressado regresso a casa, pelos estreitos e polidos passeios da rua do Ouro –, eis que o coração e os lábios de José Francisco se abrem, de repente, num sobressalto inesperado:

– Maria Ana! Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães!  
Maria Ana!

Na memória desprevenida e cansada de José Francisco acende-se de súbito, como um grito, a luz claríssima de uma lembrança antiga: é que só podem ser dela, só podem ser de Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães, só podem ser dessa mulher, há tanto, tanto tempo perdida na sua memória, aquelas pernas esguias e bem torneadas, aquela pose distinta, altiva, serena e inconfundível, aqueles belos e penetrantes olhos escuros pousados lá à frente, em lugar nenhum, apontados sabe-se lá a que ponto distante e indefinido, na rua por onde caminha, altiva e solitária, aquela perturbadora figura de mulher.

À pressa, surpreendido e atordoado, tomado de súbito por uma angústia inesperada e quase inexplicável, uma angústia intensa, sufocante e dominadora, que o incomoda e o perturba, José Francisco cata no bolso do casaco, atabalhoadamente, como se fosse uma criança embriagada pela ilusão de um brinquedo apetecido, que de repente parece estar ao seu alcance, mas que no mesmo instante em que aparece lhe foge, meia dúzia de moedas que deixa espalhadas sobre a toalha castanha da mesa redonda da esplanada do *Café Nicola*, e levanta-se.

Interrompido assim, de maneira abrupta, o ritual que assinala a sua rotina do fim de cada tarde – quase sempre sentado em frente da mesma pequena mesa da esplanada do mesmo café – José Francisco Albuquerque Salgueiro parte ofegante, quase trôpego, quase criança, em busca dessa inesperada miragem do seu passado, como quem vai em busca do reencontro com uma imagem há tanto tempo perdida na sua memória, perdida agora, outra vez, lá adiante, na turbulenta correnteza da rua do Ouro, no meio da multidão.

Preso ainda por esse súbito encantamento, ele olha e procura, ansiosamente e em desespero, ora num, ora no outro lado da rua, e espreita, através das montras iluminadas, para o interior brilhante das grandes lojas de moda e das caras joalharias que se

alinham ao longo da rua do Ouro, e avança em busca da imagem, inesperadamente recuperada, desesperadamente perdida, de Maria Ana Guimarães.

Por fim, cansado e desiludido com essa busca, tão desesperada quanto infrutífera, que de repente e sem aviso o remete para um passado que há tantos anos parecia esquecido, José Francisco pára com desalento, encostado a uma parede, quase colado a ela, e ali se deixa ficar, em penoso silêncio, escondendo-se de si mesmo e do corrúpio ininterrupto de gente que passa por ele e ao seu lado, na movimentada esquina da rua do Ouro com a rua do Comércio.

Enquanto isso, José Francisco recupera, do ponto mais fundo e mais íntimo do seu coração, todas as memórias que ele ainda pode associar àquela imagem tão antiga, tão sedutora, e ao mesmo tempo tão perturbadoramente familiar, e é assim que ele ali permanece, imóvel, postado à esquina da rua durante um tempo incontável, desiludido pela frustrada expectativa de um tão secreto quanto imprevisível sonho de se reencontrar finalmente com o seu passado.

E desiste da busca.

Entristecido e desalentado, talvez nervoso, José Francisco acende um cigarro, como quem procura recompor-se do choque e retomar a tranquilidade e o fôlego, mas, decidido a alimentar a expectativa de um reencontro que ao mesmo tempo já considera improvável, eis continua a descer a rua do Ouro, caminhando agora vagarosamente e assim percorrendo um trajecto que o reconforta e o conduz, sem pressa, até ao Terreiro do Paço.

Ainda indeciso, ele contorna devagar a Praça do Comércio, caminhando de mãos nos bolsos, sob as arcadas em que nem sequer repara, e por ali se deixa ficar, quieto e silencioso, remexendo num tormentoso turbilhão de memórias que de repente o assaltam, enquanto contempla a água turva do rio, que dança junto aos destroços e ao lodo que agora ocupam o lugar que antes fora do belo Cais das Colunas.

Absorto e contemplativo, José Francisco fica ali até que os primeiros pingos de chuva começam a cair sobre ele e de repente o acordam das suas lembranças e por fim o levam de volta, inevitavelmente e uma vez mais, até ao Rossio.

Aí, um intenso e interminável formigueiro de homens e de mulheres mergulha, apressado, na boca ávida das catacumbas do metropolitano lisboeta, do outro lado da grande praça, ou dela emerge, em busca de outros caminhos, decerto em direcção a casa, no fim de mais um dia de trabalho.

São homens e mulheres, de todas as idades, que trazem consigo os olhos cansados e os rostos sombrios, que quase se não vêem e insensivelmente se atropelam uns aos outros, e que como autómatos apressados avançam em tropel, como se andassem em busca de um incerto e desconhecido *Graal*, que bem pode ser o merecido repouso que esperam encontrar em casa, no fim de mais um dia de trabalho, no fim de mais um dia feito dos dramas e das alegrias que moldam quotidianamente as suas vidas.

Os rostos desses homens e dessas mulheres que passam escondem dos outros transeuntes os seus segredos, as alegrias e as mágoas de que são feitas as suas vidas anónimas, e que todos eles guardam para si, avaramente.

Esses homens e essas mulheres acabam, no entanto, por ser os íntimos e indiferentes companheiros de viagem de José Francisco Albuquerque Salgueiro que, vivendo ainda a intensa desolação do seu inesperado desencontro com Maria Ana, mergulha, também ele, na comprida correnteza do formigueiro humano, e que como ele se balouça molemente ao ritmo em que se movem as carruagens apinhadas do metropolitano, a caminho de casa.

Momentos antes, quando José Francisco ainda descia as escadas de pedra que o iriam conduzir à estação subterrânea do Rossio do Metropolitano de Lisboa, ele pudera escutar, vindas de um relógio qualquer – talvez do grande relógio da Igreja da Sé, aparentemente tão longe mas afinal ali tão perto, pesadamente encastoadada sobre uma das mais conhecidas colinas de Lisboa,

quase de costas para o Tejo – as longas, cadenciadas e sonoras badaladas das suas duas pesadas e maciças torres sineiras, que anunciavam à baixa lisboeta, às pesadas e gordas nuvens que corriam pelo céu, aos pingos de chuva que delas começavam a desprender-se, e também aos cansados habitantes da cidade que, em Lisboa, já eram seis horas da tarde.

# 2

## Depois do chá

---

Como habitualmente, o amável ritual de despedida da sala de provas do ateliê da modista Maria Armada, instalado num amplo e sofisticado primeiro andar, quase a meio da Avenida António Augusto de Aguiar, um lugar onde o confuso e interminável corrúpio do trânsito que circula na Praça do Marquês de Pombal já tinha ficado para trás e já se não ouve, passou por uma agradável chávena de chocolate quente, servida em porcelana fina da Vista Alegre, sobre uma grande e trabalhada bandeja de casquinha alemã, depois de Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro ter experimentado mais uns quantos vestidos novos, como quem assim se prepara para acolher com mais conforto os incertos dias do Outono que está para chegar.

Cultivado ao longo de tantos anos – quente e aromático chocolate nas tardes frias dos meses de Outono e de Inverno; agradáveis e doces refrescos de limão, servidos em copos de cristal no tempo do calor; ou chá, quente e fumegante, acabado de fazer, em qualquer época do ano, para variar, mas sempre acompanhados de deliciosos *scones* –, este era, sem dúvida, um ritual saboroso, propiciador de mais uns agradáveis e descontraídos dedos de conversa entre a conhecida modista e as suas

clientes habituais, sempre elegantes.

Mas este era, também, o momento apropriado para uma calma e reconfortante descontração dos afazeres do dia, como que um breve instante de suave, aprazível e doce dormência, que as clientes aproveitavam, as mais das vezes, para sentir e testar a sensualidade roçagante de um novo tecido importado, para apreciar as novas tonalidades anunciadas para a moda da próxima estação, ou para escutar (ou contar...), quase sempre como se fossem deliciosos segredos meio sussurrados entre cúmplices e complacentes sorrisos, as últimas e mais pícaras histórias a respeito das infidelidades cometidas por uma qualquer querida amiga ausente, que faziam o seu habitual e confidenciado percurso, em surdina, pelos salões sociais da cidade.

Nem sempre, porém, Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro conseguia tirar desses regulares convívios com a sua modista lisboeta o suave prazer e a grata satisfação que Maria Armanda, a sua gentil anfitriã, quase uma amiga, através deles sempre se esforçava por prodigalizar, com estudada solicitude, às suas clientes mais fiéis.

No meio da cansada turbulência dos seus dias, aquele era, no entanto, um agradável oásis de paz...

Por isso, naquele suave desmaiar de mais uma tarde de Setembro, Maria Ana cumprira a preceito o tradicional ritual do chocolate (a bebida desse dia...), depois de ter atravessado com naturalidade e empenho os cansativos trabalhos e as intermináveis exigências da prova dos novos vestidos – enrugam aqui, encolhem ali, abre mais um pouco na cava, sobe, talvez, mais um ou dois centímetros na altura da bainha da saia... – e participara com visível interesse na conversa fiada da despedida.

O certo, porém, é que, naquela tarde, a despeito da amenidade do dia, e apesar dessa empenhada e aparente atenção ao trabalho da modista, os pensamentos mais íntimos de Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro pairavam longe, muito, muito longe dali, porque o almoço, em casa, com o marido, não tinha

corrido da melhor maneira.

É que, apesar do esforço que fazia, Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro ainda não fora capaz de se esquecer da discussão – de mais uma discussão – alimentada por coisas fúteis e seguramente evitáveis, que dava forma e substância ao prato requentado e indigesto que há tanto tempo vinha fazendo parte do azedo cardápio de quase todas as refeições do casal, e que, nesse dia do meio de Setembro, também não deixara de ser servido ao almoço, antes mesmo dos habituais aperitivos que, em sua casa, sempre antecederiam as refeições.

Desta vez, o motivo escolhido para alimentar a discussão à hora do almoço fora, precisamente, o anúncio de mais uma ida à modista, que Maria Ana aprazara para essa mesma tarde.

Para o Comendador Jorge Gabriel da Costa Navarro, a quem os negócios com África parecia não estarem a correr no melhor dos mundos, era indispensável – melhor dizendo: era urgente, quiçá imperioso! – que a mulher pusesse um ponto final à sua vida fútil e dissipadora e que, em consequência, refreasse de uma vez por todas os gastos tão exagerados que fazia com os seus trapos, com as suas jóias e com todos os seus muitos outros e desnecessários luxos.

Era bom – alegava o Comendador Jorge Gabriel da Costa Navarro em tom apologético – que Maria Ana mandasse fazer menos roupa na sua modista particular e que mandasse fazer (ou que comprasse) roupa menos cara. Era aconselhável, também, que ela comprasse menos jóias e que comprasse jóias menos aparatosas. Era preciso, por ser desnecessário, que não fosse todos os dias ao cabeleireiro, somente para pentear as melenas, e era bom, também, que deixasse de comprar tantos e tão caros pares de sapatos, tal como era indispensável que não gastasse tanto do seu tempo, e sobretudo do seu dinheiro, indo a tantas festas e comparecendo em tantos jantares e recepções, como ela regularmente fazia...

É que – assegurava o Comendador Jorge Gabriel da Costa

Navarro com maior solenidade – não havia dúvida de que os tempos que se viviam eram tempos muito difíceis. E, costumava ele acrescentar nestas ocasiões, eram por demais evidentes os sinais de crise que, desde há algum tempo, pareciam estar a tomar conta dos seus negócios.

Na verdade, e embora as suas palavras tivessem um fundo de verdade, este era um discurso que o Comendador reservava apenas para uso doméstico.

Por esse motivo, e apesar da dramatização assim feita pelo marido, que ela julgava ser exagerada e sem propósito, Maria Ana ia dizendo de si para si que as coisas não podiam estar assim tão más.

Além disso, e desde que se conhecia como gente, Maria Ana sempre vivera assim, dessa maneira desprendida, ligeira, larga e folgada, e mesmo depois de casar com o Comendador Jorge Gabriel (quando a preciosa comenda que ele orgulhosamente recebera, um dia, das mãos do Presidente da República, era uma prebenda que ainda andava muito, muito longe dos seus sonhos e do horizonte da sua vida...), sobretudo quando os negócios em África se complicaram com o recrudescimento da guerra civil em Angola, o casal já tinha atravessado alguns momentos em que a sua vida em comum tinha passado por momentos aparentemente mais difíceis e mais complicadas do que pareciam ser os tempos que eles agora atravessavam, e nunca, nem mesmo durante esses tempos mais adversos, tanto ela como o Comendador tinham sentido a necessidade de fazer as tão drásticas restrições ao seu estilo de vida que ele agora lhe recomendava.

Como, afinal, parecia agora que o Comendador Jorge Gabriel pretendia impor-lhe.

Além disso, heresia das heresias e cúmulo dos cúmulos, Maria Ana sabia, e dizia-o ao marido com clara crueza, não era ela quem sustentava sabe-se lá quantas amantes, fixas ou de ocasião, que satisfaziam, sabe-se lá onde, quando e a que preço, o insaciável apetite sexual do marido, nem era ela que comprava,

ou que pedia, os novos e cada vez mais caros carros de luxo com que o Comendador fazia questão de desfilar pelas ruas da cidade, com os quais se presenteava a si próprio todos os anos, dizendo sempre, à laia de mal amanhã justificção e como esfarrapada desculpa, que nós sempre precisamos de mostrar aos outros o nosso próprio poder...

E era assim, por esses complicados caminhos, que eles iam de acusação em acusação e de insulto em insulto, e que a discussão entre marido e mulher subia de tom e ia sempre num crescendo, entremeada com a sopa, com o prato principal e com a sobremesa, até chegar a hora do café, já no fim do almoço, o momento crucial em que cada um dos contendores, por fim saciado de tanta briga inconsequente, se afastava desconsolado, e seguia o seu próprio caminho, escondendo numa solidão inconfessada, na pose e na aparência, a triste amargura de u a vida sem viço, sem alegria e sem sentido – e, que não restassem dúvidas, tudo indicava ser uma vida gasta e aparentemente sem futuro.

Por isso, naquela dourada tarde de quase Outono, quando acabou de saborear o último gole do delicioso chocolate quente que a modista Maria Armada lhe servira, depois de ter retocado levemente alguns detalhes da maquilhagem e depois, também, de ter trocado, já à porta, os convencionais beijinhos de despedida com a sua anfitriã – uma espécie de ponto final delicadamente colocado numa tarde que, havia que reconhecê-lo, fora, apesar de tudo bem passada – Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro acomodou-se no banco traseiro do Jaguar branco do Comendador, que pacientemente a esperava à porta do ateliê e, satisfazendo um apetite inesperado e pouco comum nas suas tardes, ordenou a Filipe Mala, o seu motorista negro, que a levasse, devagar, bem devagar, tão devagar quanto o trânsito o permitisse, até à Baixa.

Havia, porém, além do passeio, outras novidades à sua espera, naquela tarde.

Ao contrário, também, do que era habitual, naquele dia

apetecia-lhe andar a pé, apetecia-lhe caminhar livremente, andar pela rua entregue apenas aos seus pensamentos.

Por isso, no momento em que o luxuoso automóvel acabava de descer a avenida da Liberdade e de atravessar a praça dos Restauradores, Maria Ana ordenou a Filipe Mala que parasse e, quando o automóvel se imobilizou, suave e silencioso, mesmo em frente aos grandes portais neo-manuelinos da estação ferroviária do Rossio – ainda e sempre envolvida por tapumes de obras eternas... – Maria Ana saiu do carro para o ar fresco da tarde que declinava com vagar e preparou-se para um tão imprevisto quanto solitário e certamente saboroso passeio pelas velhas ruas da Baixa pombalina.

Uma brisa ligeira, que lhe acariciava suavemente o rosto, sabia-lhe bem e fazia diluir, como se um bálsamo agradável e purificador lhe massajasse o rosto, a enorme tensão interior que se acumulara dentro dela ao longo do dia e que tanto a constrangia desde a áspera discussão alimentada com o marido, à hora do almoço.

Sabia-lhe bem, e causava-lhe ao mesmo tempo um prazer secreto, íntimo e indizível, o ar fresco e irreverente que lhe massajava o rosto, tanto quanto lhe sabiam bem e lhe afagavam o seu ego ferido os discretos sinais de apreço e os provocadores olhares de admiração e de cobiça que os homens maduros com quem se cruzava na rua lhe lançavam, quando por eles passava, sem que ela deixasse de aparentar a mais serena e olímpica indiferença.

No invejável vigor físico que iludia divinamente os seus há já muito ultrapassados cinquenta anos de vida, que se mantinham cuidadosamente escondidos no anverso do seu bilhete de identidade, Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro refazia-se assim das agruras da vida e das contínuas brigas familiares, e renovava o caudal das suas energias caminhando, caminhando apenas, os olhos aparentemente pousados lá à frente, em lugar nenhum, todos os pensamentos em descanso, como se, andando por ali, anonimamente, na rua, ela se pudesse manter

inteiramente alheia a tudo o mais que se passava à sua volta, inundada como estava por um suave, saboroso e indescritível prazer.

La ela assim, vogando com prazer nessa espécie de sonho quase, quase feliz, quando, ao percorrer o largo passeio empedrado do Rossio, Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro resolveu alongar a caminhada um pouco mais para, e já que ali estava, ir espreitar as sempre interessantes montras das lojas da rua do Ouro.

De repente, porém, e de maneira algo estranha, essa agradável sensação de prazer, de frescura e de serenidade, que até aí tanto a satisfizera, deixou – sabe-se lá como e porquê... – de ser a mesma.

Qualquer coisa de estranho e de indefinido – mas o quê? – algo de diferente e de inesperado – mas onde? – se tinha cruzado consigo e com os seus passos, cortando-lhe abrupta e inesperadamente o íntimo prazer com que até ali caminhava, e deixando-a, outra vez, inexplicavelmente perturbada e uma vez mais inquieta.

Os bons e tradicionais cheiros da rua, parecia-lhe agora, também já não eram os mesmos. E também já não eram tão agradáveis, nem tão intensos, nem tão frescos, nem tão reconfortantes, como lhe tinham parecido e os sentira até há momentos.

A brisa ligeira que deslizava no Rossio pelo fim da tarde, que antes lhe atravessava com tanta e tão agradável irreverência os cabelos soltos e ondulantes, não mais se assemelhava à mesma suave e amorosa carícia de antes. E a harmoniosa mistura de sons e de imagens que até há pouco a envolviam na rua, com tanta familiaridade, enquanto caminhava, como se fizessem parte de uma bela sinfonia, estavam, de repente, a transformar-se numa cacofonia imprevista, insuportável, desagradável e ensurdecadora, que a incomodava e que, de algum modo, a fazia sentir-se mal.

Por isso (pensou para consigo) era melhor terminar imediatamente aquele passeio, voltar depressa ao conforto amável e aconchegante do automóvel e à solicitude silenciosa do seu



motorista negro, e regressar imediatamente para casa e para um banho bom e reconfortante, que lhe permitisse, por fim, depois desta imprevista e desconcertante divagação vespertina, descontrair-se e repousar.

Aparentemente satisfeita com essa decisão, Maria Ana atravessou rapidamente a rua, esgueirando-se, quase sem cuidado, por entre os automóveis que passavam velozes pela rua do Ouro e iniciou sem mais delongas o caminho de regresso.

Sem alterar a pose e o passo, percorreu outra vez a rua do Ouro, agora em sentido contrário, em direcção a norte, como se esta fosse a primeira vez que o fazia, e seguiu ao longo do passeio empedrado do Rossio, com os olhos baixos, teimosamente colados ao chão, forçando-se a concentrar a sua atenção nos caprichosos desenhos que ali haviam sido moldados, pelo diligente esforço de um anónimo calceteiro, com milhares de pedacinhos de calcário branco e de basalto negro.

Esse esforço e essa concentração não foram bastantes, no entanto, para que, quando Maria Ana passava, uma vez mais, ao lado da esplanada do Café Nicola, que àquela hora já se encontrava quase deserta, ela pudesse evitar que uma cena banal (que se repete todos os dias e a todas as horas em todas as esplanadas de todos os cafés de Lisboa) que tinha presenciado pouco antes, quando caminhava pelo Rossio em direcção à rua do Ouro, viesse de novo e de súbito ao encontro dos seus olhos, e ao seu encontro.

A cena que Maria Ana agora observava era protagonizada por um velho empregado de mesa que recolhia, para a gasta bandeja de metal que segurava nas mãos, as moedas que um cliente ali lhe deixava para pagar uma bica, antes de se levantar e partir, com o fim da tarde, rumo a um destino qualquer.

Mas, em verdade, a cena que os belos e grandes olhos de Maria Ana tinham capturado momentos antes, quando percorria com passos firmes o passeio largo do Rossio em direcção à rua do Ouro, e que agora cativava subitamente a sua atenção, era outra, e era protagonizada não pelo velho empregado de mesa

com a sua velha bandeja na mão, nem por aquele cliente que se levantava e se despedia, mas sim pela frágil figura de um outro homem, um homem magro e de cabelos grisalhos, que ela então entrevira, quase sem o ver, tranquilamente sentado à beira daquela mesma mesa, aparentemente suspenso da xícara de café que estava pousada à sua frente.

Ao ser tomada de assalto, assim de repente, pela imagem dessa frágil figura de homem que ela fugazmente entrevira antes, Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro foi violentamente empurrada para um lugar e para um tempo há muito escondidos no seu passado, e ela, ainda incrédula, deu consigo a soletrar devagar, pausadamente e em silêncio, um nome proibido. Um nome que desde há muitos, muitos anos não atravessava tão intensa e tão saborosamente os seus lábios:

– José Francisco! José Francisco Albuquerque Salgueiro! Era ele: José Francisco!

Sim! Só podiam ser dele, só podiam ser de José Francisco Albuquerque Salgueiro, aqueles olhos profundos, cavados e penetrantes, que agora lhe parecia terem-se fixado nela por um segundo apenas, e que por um igualmente fugaz e inesperado momento lhe tinham tocado tão intensamente a alma – e isso embora os seus olhos nem sequer se tivessem cruzado por um só instante com os olhos de José Francisco, uns olhos há tanto tempo perdidos, mas que, como ela acabava agora de descobrir, nunca tinham sido esquecidos.

Atordoada pela surpresa, Maria Ana de Barros e Vasconcelos Guimarães Navarro cambaleou por um brevíssimo momento, e encostou-se de maneira discreta a uma banca de jornais, como quem pára para ler os títulos dos vespertinos, mas apenas procura recobrar-se da intensa emoção que tão subitamente a invadira e que agora a dominava por completo.

Logo que se recompôs da surpresa, e não se sentindo capaz de resistir a um poderoso impulso que de repente a assaltou, Maria Ana avançou, decidida, para aquela mesma mesa onde

inesperadamente se reencontrara com esse nome proibido, o nome que ela julgava ter sido definitivamente riscado da sua vida, e foi sentar-se na mesma cadeira onde, poucos minutos antes, José Francisco estivera sentado.

Olhando discretamente em redor, Maria Ana sentiu-se transportada, de um modo tão imprevisto quanto desejado, velozmente e sem resistências, em direcção ao mundo dos seus mais recônditos e caros segredos, e mergulhou, sem sequer suspeitar disso, num inesperado caminho que a estava a levar de volta, como num turbilhão incontrolável e violento, até um passado perdido e distante.

Acomodada na cadeira branca, as mãos firme e delicadamente pousadas – no discreto esforço de não deixar ver como elas tremiam – sobre a toalha castanha que cobria a mesa, Maria Ana saudou amistosamente e com um sorriso amável o velho empregado de mesa que acabava de a cumprimentar e lhe perguntava o que queria e – coisa rara nela! – fez questão de pedir:

– Quero uma bica. Simplesmente e só, uma bica.

O velho empregado não demorou a regressar até ela com o serviço, e Maria Ana bebeu em pequenos sorvos o líquido aromático e quente do café, que fumegava na xícara, até esta ficar vazia, após o que se manteve ali sentada, imóvel e solitária, durante um tempo quase sem medida, sob um manto de nuvens que desfilavam apressadas e que iam pouco a pouco escurecendo, até que os primeiros pingos de chuva daquela tarde de quase Outono começaram a cair um a um, deslizando por entre os ramos das árvores do Rossio, e a beijar-lhe suavemente a face e os cabelos cuidados.

Refeita, enfim, da surpresa, e ultrapassada a angústia que durante todo esse tempo a dominara por completo, Maria Ana pediu a conta, pagou a despesa com as moedas que delicadamente pescou na bolsa, levantou-se com a elegância de sempre, despediu-se displicentemente com dois dos seus dedos esguios do empregado que a atendia, como quem se despede com ternura

de um velho e carinhoso amigo, dirigiu-se apressadamente para o *Jaguar* branco, que pacientemente a esperava em frente à estação do Rossio, e ordenou a Filipe Mala, o motorista, com a sua segura habitual novamente plasmada na voz, que a levasse de volta a casa e que o fizesse o mais depressa possível.

Foi nessa altura, quando o automóvel começou a rolar, que chegaram até ela, desprendendo-se do grande relógio branco, que espreita a cidade lá de cima, por entre as grandes janelas rasgadas nos muros amarelos do quartel do Carmo, paredes meias com o Bairro Alto e as ruínas centenárias do Convento do Carmo, as graves e sonoras badaladas que anunciavam as seis horas da tarde, e que com a sua cadência sinalizavam aos lisboetas apressados que mais um dia de trabalho na cidade estava a chegar ao fim.

“Hoje, quando se diz que a sociedade portuguesa acolheu no seu seio, sem dificuldade, e nele absorveu admiravelmente essas centenas de milhar de retornados do antigo Ultramar Português, é muito difícil relacionar os acontecimentos de que eles foram involuntários protagonistas, com muitos dos problemas e das angústias que marcam, na actualidade, a vida de tantas dessas pessoas e de muitas das outras pessoas que, não tendo sido partícipes desse drama, com elas acabaram por se relacionar e conviver.

Construídas a partir do claro-escuro dessas realidades, as várias histórias que se cruzam nestas páginas têm, pois, um fundo verídico e emblemático.”

— da nota do Autor.